

## Boa hora para refletir sobre as lições do ‘quase’ racionamento (1)

Frear a derrubada das florestas e recuperar bacias hidrográficas tornam-se emergências nacionais

Com chuvas muito próximas da média histórica em outubro e novembro, o que tem se tornado cada vez mais exceção em vez de regra nos últimos tempos, ficam praticamente eliminadas as chances de um racionamento de energia em 2022. Até o risco de blecautes - fruto de desequilíbrio entre oferta e demanda por eletricidade nos horários de pico do consumo - parece já ter sido devidamente afastado no curto prazo.

Os reservatórios do subsistema Sudeste/ Centro-Oeste, principal caixa d’água do país, interromperam a curva descendente antes do previsto e começaram a encher. Na semana passada, o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) previu que eles devem atingir 55,9% do volume útil ao fim de maio de 2022, quando se encerra de vez o período chuvoso, um aumento de 12,9 pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2021. Além disso, pela primeira vez desde o início desta temporada de crise hídrica, o CMSE limitou em 15 mil megawatts (MW) a geração de energia térmica e a importação de eletricidade dos países vizinhos, alegando que busca diminuir o custo total de operação do sistema. Trata-se de um nível ainda bastante elevado de energia cara e poluente, praticamente o dobro do que se vê normalmente até em meses de estiagem, mas não deixa de ser uma primeira boa notícia.

Passada a ameaça mais iminente, a hora é propícia para fazer um balanço das medidas adotadas e de lições que podem ser anotadas para o futuro. A maior delas: essa não foi a última crise, e não poderemos mais contar com regimes pluviométricos minimamente previsíveis. Um levantamento do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE) apontou que, entre 2016 e 2020, a afluência que chega às represas de hidrelétricas como resultado das chuvas ficou muito abaixo da média verificada nas últimas nove décadas. Foi de 88,4% no Sul, 85,6% no Sudeste/Centro-Oeste, 76,2% no Norte e 49,3% no Nordeste. O volume de chuvas no sistema interligado ficou acima da média histórica em apenas oito anos desde o começo deste século. Na década passada, a hidrologia superou esse patamar em só duas ocasiões.

O avanço do desmatamento na Amazônia, bem como o descaso com matas ciliares em todo o país, deixa reflexos cada vez mais evidentes. As mudanças climáticas já são uma realidade. Frear a derrubada das florestas e recuperar bacias hidrográficas tornam-se, sem nenhum exagero, emergências nacionais.

Desde 2001, quando o Brasil vivenciou seu último racionamento, o parque gerador saiu de 75 mil MW para 175 mil MW. A rede de transmissão aumentou de 70 mil para 165 mil quilômetros, possibilitando maiores transferências de energia entre regiões com sobra e com déficit. A fatia das hidrelétricas na matriz encolheu de 83% para 62%. Subiu a participação das térmicas, mas também de outras fontes renováveis, como eólica e solar.

Critica-se o Ministério de Minas e Energia pela suposta demora em acionar as térmicas, mas é fato que elas começaram a ser ligadas em outubro de 2020, quando apareceram sinais de esvaziamento dos reservatórios. Há que se tomar nota, também, das providências adotadas para dotar importações de energia da Argentina e do Uruguai de previsibilidade maior. Houve flexibilização de restrições operativas, como mudanças em vazões de hidrelétricas e em critérios de segurança na rede de transmissão, que deram certo em uma situação de contingência, apesar de consequências negativas nos transportes (a paralisação da hidrovía Tietê-Paraná).

O risco de racionamento demonstrou a necessidade de mais térmicas operando na base do sistema - preferencialmente a gás natural, um combustível menos danoso que outras fontes fósseis. Infelizmente, porém, o governo e o Congresso acertaram a exigência de novas usinas em localidades onde hoje não existe suprimento de gás, como contrapartida ao aval legislativo para a privatização da Eletrobras.

O ministério criou ainda um programa de redução voluntária da demanda de energia pela indústria. Ótima iniciativa, que deveria continuar, talvez analisando a conveniência de ajustes. Acabou sendo abandonada subitamente. Vira uma oportunidade perdida e perde-se a confiança do mercado, que abraçou o programa, em ações semelhantes no futuro.

Faltou, sobretudo, clareza na comunicação com a sociedade. A câmara de gestão criada por medida provisória para tomar medidas excepcionais, por exemplo, evitou a palavra "crise". A publicidade oficial, pedindo uso mais racional da energia, foi tímida e nem de longe influenciou decisivamente na resolução dos problemas. Essa não foi a última crise. Que aprendamos, sem excesso de rigor nas críticas e sem soberba, as melhores lições para a próxima.

(1) Artigo publicado no jornal Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2021/12/06/boa-hora-para-refletir-sobre-as-licoes-do-quase-acionamento.ghtml>. Acesso em 06 de dezembro de 2021.